

O MISTÉRIO DE D. AMÉLIA

D. Amélia era uma senhora que vivia com o marido José e o filho Alvinho em uma casa à moda antiga. Ela aparentava ter uns 28 anos, alta, magra, com bochechas secas, cabelos loiros sempre presos em coques. Apesar de ter essa aparência meio estranha, tinha os traços bonitos.

O marido e o filho, ninguém conseguia descrevê-los, pois ninguém nunca os via. Logo que amanhecia as pessoas que acordavam cedo viam uma fumaça saindo da chaminé de sua casa. Era D. Amélia preparando o café. E sempre à moda antiga: fogão à lenha e coador de pano. O cheiro era delicioso!

Todas as manhãs, ela ia comprar pão e leite na padaria da cidade. E o padeiro perguntava:

– E, aí, D. Amélia? Como vai a família?

E ela respondia secamente:

– Tudo bem!

Pegava o pão e o leite, abaixava a cabeça e saía apressadamente, cortando a conversa.

A população da cidade, curiosa, tentava descobrir como eles eram e como faziam para se sustentar, pois não trabalhavam.

Em frente à sua casa, havia uma enorme árvore de tronco grande. Todos os dias, um morador montava guarda atrás do tronco para vigiar a casa, para descobrir qual o mistério de D. Amélia. A casa tinha janelas largas, iguais àquelas antigas, que iam até quase o teto da construção, por onde as sentinelas tentavam descobrir o que se passava ali. No entanto, essas janelas possuíam cortinas pretas o que dificultava a visão de quem queria desvendar o mistério. A única esperança era que, em algum momento, elas fossem abertas, por isso a casa era constantemente vigiada, dia e noite.

A população intrigada, sem conseguir descobrir o que acontecia lá dentro, recorreu às autoridades. Até o prefeito da cidade inventou uma desculpa para tentar entrar na casa. Ele chegou a casa, bateu palmas, D. Amélia saiu e ele disse:

– Bom dia, D. Amélia! Gostaria de falar um instante com o seu marido. Ele está?

E ela respondeu:

– Não, Senhor Prefeito. Ele está trabalhando.

O prefeito então disse:

– Ah, é? A que horas ele volta? Preciso ter uma conversa com ele a respeito de uma estrada que será construída aqui.

D. Amélia, com um olhar estranho, respondeu:

– Não sei! Às vezes, ele não volta.

O prefeito, intrigado, argumentou:

– Como assim? Não volta?

Ela disse:

– Não! Com licença, tenho comida no fogo.

Entrou e todos foram embora, porém continuaram a investigar essa misteriosa família que vivia ali há pelo menos vinte anos. Os dias foram passando até que, um dia, D. Amélia não apareceu na padaria. A fumaça que costumava sair da chaminé da casa também desapareceu.

Os comentários se espalharam igual fogo em mato seco. O que será que teria acontecido? O padeiro esperou no dia seguinte por D. Amélia. Esperou o outro e o outro e o outro... E, depois de quase um mês sem nenhum sinal de vida na casa, resolveram arrombá-la e entrar.

Vasculharam por toda a casa e nem sinal da D. Amélia, muito menos de seu marido e de seu filho. Muito estranho! No canto da sala, havia um baú enorme trancado por um cadeado! Um dos investigadores resolveu abri-lo. A surpresa foi geral! (continua...)